

# Da distopia à utopia Latino Americana: rompendo o silêncio e superando o reboquismo comunicativo. 40 anos da ALAIC

---

*José Marques de Melo*  
*Maria Cristina Gobbi*

## Contextualização

O texto marca a efeméride dos 40 anos da ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación). Cabe, porém, explicar o motivo do texto conjunto. Aceitando um convite da equipe organizadora da publicação fui encarregada de resgatar, entre as várias produções do professor José Marques de Melo, um texto que trouxesse um panorama das contribuições da ALAIC para a pesquisa em comunicação na América Latina. Tarefa difícil, pois grande parte da produção comunicativa do professor, em seus mais de 50 anos de atividades profissionais, tem tratado de sistematizar não somente o pensamento em comunicação na região, mas e também de fornecer elementos importantes para consolidação da Escola Latino Americana de Comunicação (ELACOM). Sem dúvida que a presença da ALAIC se faz de maneira incontestável e em diversos materiais produzidos pelo mestre.

Deste modo, a conferência “Ciências da Comunicação na América Latina: itinerário para ingressar no século XXI<sup>62</sup>”, cujo texto integral está disponibilizado nesse artigo, que foi proferida no VI Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, ocorrido em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 2002, pelo professor José Marques de Melo foi o texto base escolhido. A seleção se deveu, principalmente, porque o material traz um panorama geral dos estudos em Comunicação na região e evidencia as importantes contribuições da ALAIC para da área. Embora datado, o texto além de conter muitos dados históricos, tem uma atualidade que merece ser refletida. Finalmente, buscando uma contemporaneidade temporal realizei uma breve entrevista com o mestre durante o Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), ocorrido no ano de 2017, no Brasil, que está disponibilizada durante o artigo.

É importante assinalar que entre os vários trabalhos dos professores que tratam do histórico do ALAIC, dois deles tem significativa importância.

---

62 Material inicialmente publicado em *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol. XXVI, nº 1, jan/jun de 2003, p. 79-99.

“Los tiempos heroicos: la formación de la comunidad latinoamericana de la comunicación”, publicada na revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ano 1, número 1, jul/dic de 2004 e a entrevista realizada pelo pesquisador Gustavo Adolfo León Duarte com o título “El campo Latinoamericano de la Comunicación”, publicada na revista da ALAIC, ano 5, número 8-9, jan/dez de 2008.

Outros resgates interessantes sobre as contribuições da ALAIC nos seus 40 anos de existência podem ser encontradas nas publicações: “La contribución de América Latina al Campo de la Comunicación: historia, enfoques teóricos, epistemológicos y tendencias de la investigación”, organizado por César Bolaño, Delia Cровi Druetta e Gustavo Cimadevilla e a publicação “A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da ALAIC”, de autoria de Maria Cristina Gobbi.

Oferecidos esses aportes iniciais, é importante destacar que o professor José Marques de Melo tem provocado gerações com seus desafios acadêmicos. Uma das características mais marcantes do mestre é sua capacidade de aglutinar pessoas em torno de um mesmo ideal. Do mesmo modo, sua contribuição na formação e no desenvolvimento de associações científicas têm sido notável, bem como a presença e a atuação do professor na ALAIC pode ser observada desde a fundação da entidade, ainda no ano de 1978. Na sequência está um breve resgate histórico, com depoimentos de muitos pesquisadores e em especial as reflexões do professor Marques de Melo, resultado do texto selecionado e da entrevista realizada.

## **Distopia latino-americana**

Revisar e visitar as quatro décadas da ALAIC, seus aportes na constituição da comunidade latino-americana de Ciências da Comunicação, é enfrentar ou mesmo avaliar um número ilimitado de crises<sup>63</sup>. As múltiplas tensões (sociais, econômicas, culturais, políticas etc.) instaladas por amplos períodos de tempo, nos mais variados territórios da América Latina, tendo inúmeros focos de discussão e de ideias deram origem, especialmente a partir da segunda metade dos anos 1960 e de 1970 a múltiplas equipes de pesquisadores que, em busca de soluções, criaram condições para o surgimento de várias organizações institucionais na região<sup>64</sup>. Começava a nascer o embrião do que seria, mais tarde, a ALAIC. Como afirma Marques de Melo,

---

63 “Al postular una crisis múltiple, se hace referencia a procesos de cambio simultáneos, pero de distinta intensidad y ‘velocidad’, y de sentido tanto ‘favorable’ como ‘desfavorable’ para la estructura del campo académico (FUENTES NAVARRO, 1998, p. 48).

64 Vale mencionar que por essa ocasião, anos 1970, já existiam o Ininco (1974), a AVIC (1977), a Intercom (1978), entre outras e posteriormente surgiu a AMIC (1979).

[...] sus primeras directivas fueran encabezadas por investigadores de Venezuela (Luis Aníbal Gómez y Oswaldo Capriles / Alejandro Afonso) y de Colombia (Jesús Martín-Barbero y Patricia Anzola), que procuraron desarrollar todos los esfuerzos para consolidar la entidad. Su presencia fue constante y decisiva en los acontecimientos que marcaron la formulación de las políticas nacionales de comunicación y la campaña liderada por la Unesco en torno a un nuevo orden mundial de la comunicación y la información (CIBEC).

Falar do cenário latino-americano, no aspecto das pesquisas em comunicação desenvolvidas pela ALAIC, é entender que se trata de uma região que tem vivido constantemente sob a guarda da transição, da desigualdade social, da desestabilização econômica, política e social, da busca por novas/outras alternativas sociais, econômicas, políticas. Mas é, sobretudo, entender diferenças, administrar valores culturais múltiplos e distintos, respeitar a diversidade, sobreviver na pluralidade de opiniões sem perder a perspectiva de que trata de uma região vasta, composta por muitos países e de singularidades que não podem ser esquecidas ou mesmo igualadas. Enxergar a polaridade da região é respeitar as fronteiras sociais, perceber e reconhecer os cenários e os atores sociais que neles encenam diariamente seus cotidianos.

Para um breve contexto, na década de 1970 a América Latina já experimentava certa “[...] efervescencia en la investigación comunicativa, en parte debido a la profesionalización del campo académico, cuya primera Escuela de Ciencia de la Información-Comunicación (no de periodismo) se instituye en 1960 en la Universidad Iberoamericana de México, y de donde cinco años después comenzaron a salir las primeras generaciones de profesionales (licenciados) en comunicación” (OROZCO GÓMEZ, 1997, p. 127). Assim, os anos de 1970 foram marcados pela crítica ao conhecimento existente. Abalizou este período o grupo dos inovadores, que definiu com maior nitidez a natureza do campo comunicacional latino-americano.

É exatamente nesse cenário de buscas por formas de pensar a América Latina por um itinerário latino-americano e calçado nas demandas comunicativas da região, que alguns pesquisadores (Antonio Pasquali, Luis Ramiro Beltrán, Jesús Martín-Barbero, Alejandro Alfonso, Marco Ordoñez, entre outros), vislumbraram a necessidade de criação de uma entidade capaz de congregiar idéias oriundas de toda a região. Assim nasceu a ALAIC, em Caracas, Venezuela, no ano de 1978.

Ocorrido na sede do Instituto de Investigaciones de la Comunicación (Ininco), estavam presentes no acontecimento: Luis Gonzaga Motta (Brasil), representando a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comu-

---

Todas essas instituições tiveram papéis decisivos para a criação e continuidade da ALAIC ao longo dos seus 40 anos de existência. Mas foi o Ininco o espaço balizador para a criação da entidade.

nicação (Abepec); Patrícia Anzola de Morales (Colômbia), da Associação Colombiana de Investigadores da Comunicação; Josep Rota (Espanhol), do Conselho Nacional de Ensino e Investigação em Ciências da Comunicação do México (Coneicc); Gloria Davilla de Vela (Colômbia), Centro Internacional de Estudos Superiores de la Comunicación para América Latina (Ciespal); Alberto Ancizar-Mendonza (Venezuela), da Asociación Venezolana de Investigadores de la Comunicación (AVIC); Fernando Reyes Matta (Chile), diretor executivo do Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET); Luis Aníbal Gómez, diretor do Ininco; Eleazar Díaz Rangel, presidente da Federación Latinoamericana de Periodistas (Fepap) e Rafael Roncagliolo, da Associação Latino-Americana de Jornalistas para o Desenvolvimento (Alacode)<sup>65</sup>. Participaram também da assembléia de fundação os professores Elizabeth Safar e Oswaldo Capriles, pelo Instituto de Pesquisadores da Comunicação, da Venezuela; Enrique Oteiza, delegado da Unesco e Mario Kaplún, do Urugui (GOBBI, 2008).

As várias pesquisas disponibilizadas em diversas publicações evidenciam que os caminhos percorridos pela ALAIC desde o final da década de 1970 foram múltiplos. Ora lutando pela sobrevivência, estimulando a pesquisa e produzindo alternativas de sistematização, estímulo e divulgação da investigação na região. Outras vezes buscando novas/outras formas de oficializar seus compromissos com os estudos em Comunicação de fronteira plural, plena e ampla.

Como afirmam os professores Luiz Ramiro Beltrán e José Marques de Melo (em vários textos), as pesquisas em nossa área começaram a tomar força na região na segunda metade de 1920. Mas foi precisamente nos anos 1960, que elas adquiriram uma fisionomia, com definições e correntes teóricas que marcaram, posteriormente, o início da Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM), embora ainda calcada nas idéias da Escola de Frankfurt e no pensamento marxista.

Na década de 1970 surge um contingente de pesquisadores tais como: Elizabeth Fox, Enrique Sánchez Ruíz, Erick Torrico, Guilherme Orozco, Francisco de Assis Fernandes, Jesús Martín-Barbero, Luis Peirano, Margarida Maria Krohling Kunsch, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Oswaldo Capriles, Patrícia Anzola, Rafael Roncagliolo, Raúl Fuentes Navarro, entre outros. Esses liderados por idéias de Aníbal Ford, Antonio Pasquali, Eliseo Verón, Fernando Reyes Matta, José Marques de Melo, Luiz Ramiro Beltrán, Mario Kaplún, Nestor Garcia Canclini, Paulo Freire, entre tantos outros, fazem emergir estudos norteados pela pesquisa denúncia que apon-

---

65 Material faz parte do Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, disponibilizado na Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação.

taram a dependência da Comunicação em nosso continente, além de chamar a atenção para o poderio comercial e político dos Estados Unidos (GOBBI, 2008).

Emerge, desta forma, o pensamento da comunicação popular e democrática, caminhando para a aplicação dos princípios definidos na Nova Ordem Internacional de Informação e da Comunicação (NOII). Nesse cenário nasce a ALAIC, que tem como princípios básicos a promoção e a defesa do desenvolvimento da pesquisa na região, além de fomentar a investigação orientada para as mudanças sociais nos processos comunicativos. Foi a forma encontrada para aglutinar os pesquisadores em torno das temáticas que já eram comuns, mas que ainda eram investigadas de forma desarticulada e individual (GOBBI, 2008).

Nos anos 1980, as mediações de Jesús Martín-Barbero trouxeram novas perspectivas para os estudos na área. A região passava por novas crises, processos de reconstrução em muitos países que estavam saindo das ditaduras militares e a pesquisa adquiriu, então, uma fisionomia própria e mais ampliada. Porém os centros de investigação, de modo geral, não encontram maneiras de sobrevivência frente aos desafios econômicos que se instauravam em toda a região. E com a ALAIC não foi diferente.

A crise enfrentada pela entidade não estava isolada. O mundo vivia um cenário de mudanças. Com o prenúncio do fim da guerra fria, a desestabilização de muitos movimentos sociais e os problemas enfrentados pela própria Unesco, os resultados foram danosos, em muitos sentidos, para os países em desenvolvimento. Um dos principais abalos foi chamado de desmobilizador pelo professor José Marques de Melo (1992). Para ele a luta pela sobrevivência ocasionou a migração de muitos pesquisadores do setor público e das universidades para as atividades civis. O afastamento dessas lideranças ocasionou uma evasão das atividades de pesquisa e de sedimentação realizadas nas associações intelectuais, que eram as principais responsáveis pela luta e pelo fortalecimento dos processos de recuperação dos direitos da cidadania (GOBBI, 2008).

[...] A crise vivida pela ALAIC não constituiu um fato isolado, contabilizando-se na dívida social responsável pela configuração do que se convencionou chamar de “década perdida”. Felizmente, a ação de personalidades emblemáticas da nossa comunidade (dentre as quais destacam-se Rafael Roncagliolo, Luis Peirano, Jesús Martín-Barbero, Anamaria Fadul, Fátima Fernandez e Joaquim Sánchez) impediu a desagregação da ALAIC (MARQUES DE MELO, 1992).

Igualmente, “[...] ALAIC nació pobre en recursos – lo que nos obligó a poner a trabajar la imaginación ya fuera para reunirnos, aprovechando congresos y seminarios sobre temas vecinos, o para financiar proyectos, como las bibliografías nacionales de investigación en comunicación – pero con una

enorme riqueza de pensamento”, afirma o professor Jesús Martín-Barbero (ALAIC, 1998, p. 9). A importante participação da ALAIC na constituição de uma identidade latino-americana, não foi suficiente para fazer com que a instituição continuasse ativa.

Para o professor José Marques de Melo (GOBBI, 2017, informação oral), “[...] o momento enfrentando pela ALAIC externava as dificuldades enfrentadas pelas universidades da região, especialmente pela falta de apoio financeiro e tendo que atender as demandas modernizadoras do BID”. Era necessário encontrar, na verdade, uma nova fonte de estímulos, um novo vigor, um novo mote que pudesse acordar, de um aparente sonambulismo, os estudiosos da comunicação.

“Desistir nunca” foi uma palavra que integrou o vocabulário daquele grupo aguerrido de pesquisadores. Então, durante o 16º Encontro da AIE-RI/IAMCR, ocorrido junho de 1988 em Barcelona, na Espanha, começou os primeiros sinais positivos para a reconstituição da ALAIC. Participaram dessa atividade: José Marques de Melo, Jesús Martín-Barbero, Rafael Roncagliolo, Fátima Fernandez, Joaquim Sánchez, Luiz Peirano, Tereza Quiróz, Javier Protzel, Anamaria Fadul, Fernando Perrone<sup>66</sup> e Ingrid Sarti.

Ainda no ano de 1988, pós-notícia de reconstituição da entidade, mais precisamente durante o encontro da AIERI/IAMCR, um fato merece destaque: Até aquela data nenhum latino-americano havia integrado a junta diretiva da Entidade. Mas José Marques de Melo, Nelly de Carmargo (Brasil) e Roque Faraone (Uruguai) foram eleitos para compor o conselho internacional da organização, em uma clara demonstração de apoio à reconstituição da ALAIC.

Coube à comunidade brasileira o grande desafio de fazer renascer a entidade. Assim, com o apoio da AIERI/ IAMCR e o protagonismo -porque não dizer a boa-vontade- da Intercom que desde essa época já era considerada a associação melhor estruturada do continente por haver trilhado o caminho de desenvolvimento auto-sustentável e sob a liderança de José Marques de Melo, renasceu a ALAIC. Com a ajuda dos professores Anamaria Fadul e Fernando Perrone, Marques de Melo se comprometeu a buscar condições para reestruturar a instituição, trazendo assim sua sede para

---

66 O professor Dr. Fernando Perrone faleceu em São Paulo, Brasil, no dia 10 de outubro de 2007, aos 72 anos de idade. Fez carreira política na sua juventude, tendo sido Deputado Estadual em São Paulo. Seu mandato legislativo foi cassado em 1964, o que o obrigou a exilar-se no Chile e depois na França. Foi diretor de Relações Internacionais da **Intercom**, no final dos anos 80. Docente da ECA-USP, Perrone formou-se em Sociologia pela USP, fez doutorado na Universidade de Paris, sob orientação de Jean Cazeneuve e livre-docência na própria USP (Fonte: Boletim da Intercom, Ano 3, nº. 76, São Paulo, SP, Brasil, 19 de outubro de 2007).

o Brasil, com o apoio da Intercom, que na época tinha como presidente Margarida Maria Krohling Kunsch, e da ECA-USP (GOBBI, 2008).

O testemunho de José Marques de Melo e Margarida Maria Krohling Kunsch, publicado no prefácio dos Anais do I Congresso da Entidade (1992, p. 8), pós-reconstrução, evidencia o que representou para a comunidade brasileira de pesquisadores em comunicação o processo de reconstituição da ALAIC. Para eles,

[...] A tarefa de reconstrução da ALAIC, confiada aos pesquisadores brasileiros, mas respaldada decisivamente pelos pesquisadores mexicanos, através das suas entidades representativas – Intercom, Amic e Coneicc – enfrentou dois obstáculos: 1) a desmobilização intelectual provocada pela inserção dos pesquisadores da comunicação nas rotinas de reconstrução democrática na maioria dos países latino-americanos, mas também afetada pela perplexidade decorrente do fim da guerra fria; 2) a escassez de recursos financeiros para atividades de natureza acadêmica, numa conjuntura de dismantelamento dos sistemas dependentes das fontes estaduais ou para-estaduais. Assim sendo, a ALAIC procurou viabilizar a sua reconstrução, alicerçando-se numa estrutura auto-sustentada, incentivando os pesquisadores a otimizar os recursos disponíveis das próprias instituições universitárias, superando a fase de dependência atroz da engrenagem governamental ou das agências internacionais. Sem recusar a colaboração dessas fontes de financiamento, que atuam subsidiadas por recursos políticos, a ALAIC buscou sobreviver alternativamente, mobilizando a capacidade de acumulação de forças dos seus próprios associados. O resultado tem sido alentador, gerando iniciativas de autofinanciamento, o que produz autoconfiança, independência e democratização de oportunidades, segundo a competência de cada membro, para fortalecer a sua entidade representativa.

Assim, em setembro de 1988, na cidade de Viçosa, estado de Minas Gerais, Brasil, durante o 11º Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, na Assembléia Nacional, graças à iniciativa da professora Margarida Maria Krohling Kunsch, então presidente da Intercom, as bases iniciais de reconstituições foram firmadas. Também é importante mencionar que o professor José Marques já havia consultado diversos pesquisadores, centros de pesquisa - não só no Brasil, como de outros países - e as respostas haviam sido extremamente positivas e animadoras.

Ainda em 1988, dando continuidade às ações de reestruturação, no mês dezembro, entre os dias 2 a 4, em Embu-Guaçu, São Paulo, realizou-se o I Colóquio Brasil-México de Investigação da Comunicação. O evento contou com a participação de 12 países da América Latina, incluindo a presença de Patrícia Anzola, então presidente da ALAIC. Nesse espaço ocorreu oficialmente a formação do Comitê de Reconstituição, integrado por pesquisadores de diversas entidades comunicativas, das quais citamos: Enrique Sánchez Ruiz, Presidente da AMIC; Margarida Maria Krohling Kunsch, presidente da Intercom; Luis Nuñez Gomes, presidente do Coneicc; Antonio Carlos

de Jesus, diretor da Abecom; José Tavares Barros, presidente da OCIC/AL e Francisco de Assis Fernandes, vice-presidente da UCBC. É importante ressaltar os papéis fundamentais e decisivos dessas entidades na reconstrução da ALAIC (GOBBI, 2008).

40 anos depois, em uma avaliação muito propositiva das contribuições da ALAIC podemos observar ainda uma busca pelo pote de ouro do final do arco-íris. Germina um grupo de pesquisadores que apostam na utopia, não no sentido da fantasia ou da alucinação, mas assumindo o pragmatismo necessário para impulsionar a continuidade dos estudos em comunicação, mesmo diante de tantas adversidades. Porém caminham por muitos lados, ora se entrecruzando e/ou trombando, ora criando novas alternativas para dar conta dessa emergente sociedade globalizada. Mas ainda não encontram o ouro, mas estão no caminho correto, preservando e fortalecendo a identidade latino-americana dos estudos em comunicação na região.

A ALAIC atualmente congrega um grupo multifacetado de pesquisadores, associações e instituições dedicados à pesquisa científica em matéria de comunicação, incorporados como membros de acordo com o Estatuto (KUNSCH, 2005).

A instituição germina com o objetivo básico de difundir o pensamento comunicacional latino-americano, principalmente no que se refere às políticas nacionais de comunicação. Além de objetivar a difusão das reflexões oriundas da região, estimulando o intercâmbio entre pesquisadores e suas instituições, em todo o continente.

Também é necessário dizer que ela tem um papel fundamental no estímulo da difusão do pensamento latino-americano sobre comunicação nas universidades, suscitando o interesse de analistas internacionais que, com suas observações e críticas, respaldam o esforço intelectual de pesquisadores que buscam avançar academicamente (MARQUES DE MELO, 1998, p. 112).

Em certo sentido, a ALAIC tem procurado funcionar como entidade catalisadora dessa comunidade intelectual, reconhecida como singular por cientistas de vários países do Primeiro Mundo. No entanto, as dificuldades próprias da região, tremendamente agravadas pela recessão econômica, atuaram como barreiras para travar o desenvolvimento orgânico da nossa corporação acadêmica (MARQUES DE MELO, 1998, p. 119).

Um dos principais desafios da ALAIC tem sido motivar a comunidade acadêmica para o trabalho conjunto e, sem dúvida, esse esforço tem permitido que ela se constitua em uma das instituições responsáveis pela disseminação das idéias da Escola Latino-Americana de Comunicação (ELACOM). O papel desempenhado pela ALAIC para a consolidação de um pensamento comunicacional latino-americano, através do estímulo à pesquisa, na

presença sempre marcante em fóruns internacionais, seja se preocupando com o resgate do conhecimento comunicacional acumulado e promovendo a criação de bases documentais na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Panamá e Peru, através dos pesquisadores: Peirano e Kudo (1982); Munizaga e Rivera (1983); Marques de Melo (1984); Anzola e Cooper (1985); Rivera (1986); Fuentes Navarro (1988); Beltrán, Suárez e Isaza (1990); Almengor, Arauz, Golcher e Tuñón (1992). Ou ainda criando espaços plurais de intercâmbio e realizando seus congressos e os seminários, ou fazendo resgates importantes da produção comunicativa apresentadas por pesquisadores de todo o continente durante esses encontros, têm estimulado a difusão do pensamento latino-americano sobre comunicação nas universidades da América Latina, neutralizando desta forma, a tendência de supervalorização de correntes oriundas de países europeus e norte-americanos.

Para o professor Marques de Melo (GOBBI, 2017, informação oral), “[...] esses espaços de diálogos e de interlocuções permitem não somente institucionalizar operacionalmente a produção em comunicação na América Latina. Existe o reconhecimento de uma identidade intelectual, que demonstra a existência de um pensamento latino-americano no campo da comunicação, cuja singularidade é visível para além dos espaços da região”.

Ainda, de acordo com o mestre, “[...] é fundamental o resgate da produção estocada, ampliando o espaço de conhecimento de episódios marcantes da história de formação do campo acadêmico da Comunicação na América Latina e a ALAIC, utilizando as tecnologias da comunicação, é um agente fundamental nesse processo” (GOBBI, 2017, informação oral).

Pesquisar o perfil comunicacional da e na América Latina sob a égide da ALAIC é, como bem disse o professor Jesús Martín-Barbero (1999), um redescobrimto de complexas polêmicas, de problemáticas postergadas, de genealogias que interconectam campos e linhas de pensamentos singulares. Inclusive e muitas vezes antagônicas em certos aspectos, extremamente calcadas em tradições acadêmicas e perspectivas teóricas exclusivistas, como baseadas nas práticas e nas experiências individuais, abandonando a passividade e ser sujeito ativo, não só no processo de desenvolvimento, mas na “[...] reestruturação de nossa sociedade. Trata-se de um exercício tão útil, quanto necessário e urgente<sup>67</sup>” (MATTELART e MATTELART, 1987, p. 13). Mas argumenta Marques de Melo (GOBBI, 2017, informação oral), “[...] é necessária a revitalização do sentimento de pertencimento latino-americano, que tem deixado de ser valorizado pelas novas gerações em detrimento do chamado processo de globalização, que se apresenta de forma contundente

---

67 Tradução livre.

diante de cenários midiáticos tecnológicos, sempre muito atraentes e desafiadores”, travestido, muitas vezes, de uma aparente equidade social.

Sem dúvida que em um livro em comemoração aos 40 anos da ALAIC não poderia faltar um texto do professor José Marques de Melo, posição defendida pela junta organizativa da publicação, sendo fator importante para que eu aceitasse o desafio.

### **Utopia Latino-Americana**

Na sequência está o texto integral da conferência proferida no VI Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação — Alaic, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2002, pelo professor Marques de Melo. O material traça um percurso muito detalhado da constituição da ALAIC e as diversas batalhas empreendidas pela entidade para consolidar e estimular as pesquisas em Comunicação na América Latina.